

O FIM DA FESTA E DA HISTÓRIA: OS EFEITOS DA ARENIZAÇÃO NOS ESTÁDIOS E ARENAS DE FUTEBOL

THE END OF FESTIVITY AND HISTORY: EFFECTS OF ARENIZATION IN FOOTBALL STADIUMS AND ARENAS

Gil Fevorini Rampazzo

Bacharel em Ciências Sociais pela PUC-SP, desenvolveu esse artigo baseado em um trabalho de Iniciação Científica selecionado para a Jornada Nacional de Iniciação Científica presente na 73ª Reunião Anual da SBPC.

Resumo: A Copa do Mundo realizada no Brasil em 2014 marcou o fim de um modelo de esporte centrado nos estádios, dando início a uma nova proposta centrada nas arenas. A partir de uma etnografia na Neo Química Arena, o artigo busca discutir as características dessa mudança (que ocorre dentro de um processo mais amplo: o de arenização) destacando a forma como essas novas estruturas podem ser caracterizadas como panópticos – para vigiar, controlar e punir torcedores que se descontrolam em demasia – e também como não-lugares, por consequência das restrições impostas e também por sua arquitetura rígida e padronizada

Palavras-chave: Arenização; Panoptismo; Práticas Torcedoras; Não-lugares; Estádios de Futebol.

Abstract: The World Cup held in Brazil in 2014 marked the end of a model of sport centered on stadiums, initiating a new proposal centered on arenas. Based on an ethnography at the Neo Química Arena, the article seeks to discuss the characteristics of this change (which occurs within a larger process that will be called in here as “arenização”), highlighting the way in which these new structures can be characterized as panoptics – to watch, control and punish football fans who become too uncontrolled – and also as non-places, due to the restrictions imposed and also due to their rigid and standardized architecture.

Key-words: Modern Football; Panoptism; Football Crowds Habits; Non-places; Football Stadiums.

O FIM DA FESTA E DA HISTÓRIA: OS EFEITOS DA ARENIZAÇÃO NOS ESTÁDIOS E ARENAS DE FUTEBOL

INTRODUÇÃO

O futebol, ao menos desde a década de 1940, havia se firmado como um símbolo de brasilidade em um país que ainda buscava estabelecer uma identidade própria (HOLLANDA, 2011). Marcado no imaginário como um esporte popular, ele mobilizava milhares de pessoas de todos os extratos sociais para um mesmo ambiente onde (quase) tudo era permitido: o estádio. Nesse espaço, era possível ter atitudes e posturas que não seriam aceitas em nenhum outro lugar. Em outros termos, eram concedidas “oportunidades para a expressão da violência física socialmente aceitável, e ritualizada” (DUNNING *apud*. ELIAS, 1992, p. 331); um confronto simbólico entre os times e suas respectivas torcidas que dava “permissão” aos torcedores para que eles xingassem, gritassem, dançassem e se expressassem de qualquer maneira, contanto que não transformassem essa disputa simbólica em uma disputa de fato, através de um confronto físico. Um sentimento de liberdade único que apresentava fantasias, abraços, cânticos e beijos e que marca até hoje a memória do futebol no Brasil. “Estádios são lugares da memória acumulada, vivida coletivamente. São gigantescos templos de concreto, aço e fibra” (GAFFNEY; MASCARENHAS, 2014, p. 4). Apesar da grande liberdade concedida, não era incomum observar torcedores que não se contentavam com essa “disputa simbólica”, e que partiam para um confronto real. Se os estádios podem ser associados à festa e à alegria, devem também ser associados à guerra e ao ódio.

Também é verdade que os estádios são lugares profanos. É no estádio onde escutamos xingamentos homofóbicos, racistas e de vexame insuportável. Ao redor do mundo, o estádio é um lugar para expressar violência, tanto entre jogadores quanto entre torcedores. O estádio tem um cheiro nada agradável, e para muitos, é um lugar para ser evitado (GAFFNEY; MASCARENHAS, 2014, p. 5).

Assim, é possível definir o estádio de futebol como um espaço de memórias coletivas formadas, caracterizado pela liberdade dada aos torcedores para catarses que vêm em forma de vibração, cânticos, manifestações políticas ou simplesmente pela violência verbal e física contra seus adversários. Além disso, é um espaço onde se observam condições precárias de infraestrutura em locais como banheiros e arquibancadas, que refletem um preço mais acessível nos ingressos. Quando a FIFA escolheu o Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014, definiu-se oficialmente o fim desse modelo.

Para a realização do evento, a FIFA apresentou aquilo que Hollanda (2014, p. 323) define como “caderno de encargos” e que ficou conhecido popularmente como “padrão FIFA” de arenas. Oficialmente, o nome dado a esse caderno de encargos é *Football Stadiums: Technical recommendations¹ and requirements* e nele consta – em um sentido técnico e estrutural – o que define uma arena, com questões como assentos individuais devidamente marcados em todos os setores, câmeras de vigilância espalhadas estrategicamente pelo espaço, estacionamento com capacidade para milhares de carros, entre outras medidas. As exigências da FIFA não pararam por aí, já que os próprios torcedores também tinham suas regras a serem seguidas. Manifestações políticas dentro das arenas eram proibidas, grandes faixas e bandeiras eram vetadas e até mesmo ficar em pé durante os jogos era considerado uma transgressão, fazendo valer uma política apelidada de *all-seated²* e que já valia para maior parte das ligas europeias. Nesse sentido, fica evidente como esse modelo de “arenas” se contrapõe ao modelo de “estádios”; enquanto no primeiro espera-se do torcedor um comportamento ordeiro e passivo, no segundo possibilitava que ele fosse ativo na produção do espetáculo.

Vale dizer que essas restrições às práticas torcedoras no Brasil não se iniciaram com os preparativos para a Copa do Mundo. Desde o final de 2007, com a confirmação do país sede dos jogos Pan-americanos, uma série de proibições a respeito das práticas torcedoras foi sendo colocada em prática pelas instituições desportivas nacionais e estaduais, e também pelo próprio Estado, principalmente através do Ministério Público. Em 2010, proibiu-se oficialmente, por meio do estatuto do torcedor, o uso dos sinalizadores dentro dos estádios e arenas de futebol, mas foi apenas a partir de 2014 (justamente o ano da Copa) que o aparato, inofensivo e equivalente a uma vela de festa de aniversário,

1 Estádios de Futebol: Recomendações técnicas e requisitos obrigatórios, em tradução livre.
2 Todos sentados, em tradução livre.

passou a ser verdadeiramente perseguido pelas autoridades, com paralisação de jogos em situações nas quais a torcida os acendesse e com ocasionais interferências violentas da polícia militar, em caso de insistência. Em abril de 2016, foi vedada pelo Ministério Público a presença de duas torcidas no mesmo estádio em caso de jogos envolvendo os chamados grandes clubes de São Paulo: Corinthians, Palmeiras, São Paulo e Santos, medida que foi posteriormente expandida para jogos envolvendo também os dois clubes de Campinas: Ponte Preta e Guarani. Junto a essas repressões, oficializadas por meio da lei, há também as repressões sem o amparo da lei, mas que encontram respaldo nas recomendações da FIFA para arenas de futebol. É o caso de censuras a faixas e gritos de manifestações políticas, ou mesmo de qualquer material caracterizado como “provocativo”, sob o pretexto de manter “as aparências de neutralidade das organizações esportivas e dos responsáveis por essas organizações” (BOURDIEU, 2019, p. 178).

Todas essas proibições e mudanças podem ser entendidas dentro de um fenômeno chamado de “arenização”, que em vias gerais, pode ser definido como um processo que modifica a estrutura do futebol, flexibilizando a maneira de se extrair dinheiro do esporte, ao mesmo tempo em que cria mecanismos para o controle, a punição ou o afastamento de torcedores que possam, de alguma forma, torná-lo menos rentável. Em outras palavras, é um processo que visa a mudar o papel social que o futebol exerce. Se antes era um espaço para o descontrole controlado das emoções (ELIAS, 1992), agora passa a ser um negócio, cuja maximização na obtenção de ganhos financeiros é a maior prioridade. Nessa linha de raciocínio, torcedores mais “descontrolados” e “anormais”, supostamente mais suscetíveis a atitudes agressivas, deixam de ser bem vindos por colocarem em risco a rentabilidade do esporte com suas atitudes.

É nesse contexto que surge a Arena Corinthians (agora rebatizada como Neo Química Arena) que foi erguida para a abertura da Copa do Mundo de 2014. Através de uma observação participante levada a cabo no espaço por mim, ainda no ano de 2019, foi possível notar não só algumas das consequências do processo de arenização – como a elitização do público e práticas torcedoras mais ordeiras – mas também os mecanismos utilizados pelo próprio planejamento do espaço para garantir que haja uma maior normatização e docilização (FOUCAULT, 1987) dos corpos que o frequentam. É sob essa perspectiva que a Neo Química Arena pode ser caracterizada como panóptico, tema

central na primeira parte do artigo. Importante reiterar, nesse sentido, que as arenas trazem consigo uma estética padronizada, diferindo muito pouco entre si em um aspecto estrutural; dessa forma, a maioria das conclusões obtidas a partir da caracterização da Neo Química Arena como panóptico podem – e devem – ser estendidas a outros ambientes como o Allianz Parque, o novo Maracanã e todas as outras arenas erguidas recentemente no Brasil e no Mundo, como ficará claro ao longo da argumentação.

O mesmo vale para a segunda parte do artigo, em que a Neo Química Arena é caracterizada, a partir das reflexões de Augé (1994), como um não-lugar. Ainda que esse espaço tenha aspectos próprios, percebe-se que a maioria de suas características vem do processo de arenaização, e, dessa forma, também se fazem presentes em outras estruturas. Em vias gerais, portanto, a proposta do presente artigo é discutir o processo de arenaização a partir do espaço da Neo Química Arena, destacando como o abandono de um modelo que visava ao descontrolado das emoções, para a adoção de um modelo que visa a uma maior rentabilidade no esporte, acabou moldando esse local como um panóptico e também como um não-lugar.

AS ARENAS COMO PANÓPTICOS: O CASO DA NEO QUÍMICA ARENA

Para adquirir ingressos que deem acesso a uma arena, seja por meio dos programas de sócio dos clubes ou nas bilheterias, além, claro, do dinheiro, você necessitará obrigatoriamente estar acompanhado por algum documento oficial que possa identificá-lo. No caso da Arena da Baixada, estádio pertencente ao Athletico Paranaense, essa questão vai além, sendo necessária a biometria do torcedor para que ele consiga assistir ao jogo. Os motivos que justificam essas exigências são variados e vão desde dificultar a vida de cambistas (pessoas que compram ingressos para o jogo não com o intuito de frequentá-lo, mas sim para revendê-los por preços elevados no dia da partida) até evitar que o clube seja lesado financeiramente por torcedores que utilizam o benefício da meia-entrada de forma indevida. A principal justificativa que explica essa medida, no entanto, é a mesma usada para a proibição de instrumentos e bandeiras dentro dos es-

tádios e arenas, ou mesmo para a limitação da corporalidade dos torcedores e a censura a cartazes e faixas, isto é, a suposta segurança de quem frequenta esses ambientes.

É portanto necessário controlar e codificar todas essas práticas ilícitas. É preciso que as infrações sejam bem definidas e punidas com segurança, que nessa massa de irregularidades toleradas e sancionadas de maneira descontínua com ostentação sem igual seja determinado o que é infração tolerável, e que lhe seja infligido um castigo de que ela não poderá escapar [...] todas as práticas populares que se classificavam, seja numa forma silenciosa, cotidiana, tolerada, seja numa forma violenta, na ilegalidade dos direitos, são desviadas à força para a ilegalidade dos bens (FOUCAULT, 1987, p. 80).

Observam-se, portanto, na esteira do que é dito por Foucault (1987), dois elementos fundamentais para o entendimento de como se dá a dinâmica interna em uma arena. Primeiramente, práticas que remetam ao descontrole são classificadas como ilegais e passíveis de punição, e posteriormente, são criados mecanismos de vigilância que facilitam a identificação dos torcedores responsáveis, garantindo que os infratores sejam devidamente responsabilizados; o caso da Arena da Baixada talvez seja o que exemplifique melhor essa situação. Após instalar a biometria e torná-la obrigatória a todos os torcedores que frequentarem a arena, o clube estabeleceu uma parceria com o Tribunal de Justiça do Paraná, a Secretaria de Segurança Pública, o Instituto de Identificação do Paraná, com o DETRAN-PR e com a CELEPAR, e, por meio dessas parcerias, conseguiu cruzar os dados de seus torcedores com a biometria armazenada pelo próprio estado, sabendo automaticamente se o torcedor é quem diz ser, se tem algum tipo de antecedente criminal, mandado de prisão ou se está restringido de frequentar estádios e arenas de futebol. Treze pessoas já haviam sido detidas e encaminhadas à polícia pelo sistema, desde sua implantação até o ano de 2018³.

Reiterando a reflexão colocada por Foucault, não basta controlar e codificar o que é lícito e o que é ilícito, é preciso identificar os responsáveis pelas eventuais transgressões e puni-los de forma que não haja escapatória (1987, p. 80). A questão na Arena da Baixa-

³ Mais informações em: Biometria na Arena da Baixada completa um ano e vira referência, 10 de setembro de 2018. Disponível em <<https://www.lance.com.br/atletico-paranaense/biometria-arena-baixada-completa-ano-vira-referencia.html>>. Acesso em 29 de Março de 2020.

da, entretanto, vai ainda mais longe, pois além de vigiar e punir aqueles que cometem atos ilícitos dentro da arena, ela vigia e pune aqueles que cometem atos ilícitos e *tentam* frequentá-la, em outras palavras, qualquer um que apresente um comportamento que fuja daquilo que o clube entende como adequado (sua noção do que é adequado, por sua vez, está diretamente ligada ao poder representado pelo Estado e pelas instituições como FIFA e CBF) sequer pode entrar na arena, e, caso consiga, será disciplinado e normatizado, após ser devidamente identificado pela biometria, pelos documentos e pelas câmeras. Sob essa perspectiva, fica difícil não entender a Arena da Baixada como um verdadeiro panóptico.

O Panóptico de Bentham é a figura arquitetural dessa composição. O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre [...]. Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível. O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente [...]. Daí o efeito mais importante do panóptico: induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder (FOUCAULT, 1987, p. 177).

A Arena da Baixada surge como principal exemplo, pois, com o sistema biométrico e sua pioneira interligação com o estado do Paraná, sua caracterização como panóptico é identificada de maneira mais clara. A vigilância, porém, não está restrita a esse ambiente, essa característica é intrínseca às arenas, muito por conta da própria FIFA que, em seu caderno de encargos, exige “câmeras de segurança a cores fixas internas e externas com movimentos de rotação e inclinação”⁴. Há de ser dito, todavia, que as câmeras e a necessidade do torcedor estar devidamente identificado e registrado na compra de seu ingresso não são os únicos mecanismos de controle característicos de uma arena e, nesse sentido, a Neo Química Arena aparece como um excelente terreno para um melhor en-

⁴ Ver mais em: Estádios de Futebol: Recomendações e requisitos técnicos. Disponível em <https://www.fifa.com/mm/document/tournament/competition/01/37/17/76/p_sb2010_stadiumbook_ganz.pdf>. Acesso em 5 de abril de 2020.

tendimento sobre as outras formas encontradas para manter os torcedores devidamente vigiados e controlados.

Ao comprar ingressos para um jogo do Corinthians em sua arena, você poderá escolher se sentar no setor Oeste Superior e Oeste Inferior, os setores mais caros e com um maior grau de conforto, Leste Superior Central, Leste Superior, Leste Inferior e Leste Inferior Central, setores mais baratos que os setores Oeste, mas ainda com um preço relativamente elevado, e Sul e Norte, setores com uma visão menos privilegiada do campo por estarem atrás dos gols, que apresentam um menor grau de conforto, porém com um consequente preço mais em conta, se comparado com as outras opções. Essa setorização é bem demarcada na arena, sendo possível apenas com muita dificuldade a transição de um para o outro, quando não impossível. A divisão não é nenhuma exclusividade da Neo Química Arena, pelo contrário, é cena constante em qualquer outra arena ou estádio de médio ou grande porte no Brasil já há um bom tempo. Antes mesmo do processo de arenação chegar por aqui, já se via uma divisão entre arquibancada e cadeira numerada, e posteriormente, entre visitantes e o time da casa. O que chama a atenção, assim, na arquitetura da Arena, é exatamente dificuldade de transição de um setor para outro. Tal fato torna-se especialmente significativo na medida em que em estruturas mais antigas como, por exemplo, o Pacaembu, era possível transitar entre os setores do estádio com relativa tranquilidade, ainda que houvesse alguma divisão entre eles:

Embora na etapa de venda de ingressos fosse indicado que o setor amarelo era dedicado a torcidas organizadas, e o verde para torcedores não organizados, a não existência de uma separação física e a possibilidade de livre trânsito entre eles, permitia que tais setores fossem ocupados tanto por torcedores organizados quanto por não organizados (BOCCHI, 2016, p. 114).

Dessa forma, ainda que a setorização seja um fenômeno comum ao futebol brasileiro, a maneira mais restritiva como ela é dada na Neo Química Arena deve ser destacada como elemento marcante de sua arquitetura. Fosse ela exceção entre as novas arenas de futebol, talvez esse elemento pudesse ser ignorado, ao menos no que tange à questão da vigilância e do controle, porém ao analisar outras arenas, percebe-se que essa

postura tornou-se comum nessas novas edificações; o Allianz Parque, por exemplo, chega ao limite de proibir a circulação de pessoas nas ruas sem o porte de ingressos nos dias de jogo: “é possível afirmar que, de certa forma, a rua também ‘arenizou-se’, uma vez que apenas os torcedores com ingressos para o setor Gol Sul conseguem transitar pelas ruas Palestra Itália, Caraibas e Diana” (MANDELLI, 2018, p. 207). Se a setorização dos estádios pode ser entendida como um fenômeno anterior às arenas, aperfeiçoar esse processo e torná-lo mais rígido constitui mais um mecanismo do processo de arenização. Sob a perspectiva de Foucault, trata-se de uma medida restritiva aos corpos e atitudes dos torcedores. Isso facilita a vigilância e a obediência assim como a identificação biométrica e documental de cada indivíduo, pois como diz o filósofo: “a disciplina procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço” (FOUCAULT, 1987, p. 130).

É possível dizer que se os panópticos pressupõem celas ou jaulas, os setores, que delimitam as práticas torcedoras e a sua movimentação, seriam o equivalente a essas estruturas dentro de uma arena de futebol. Assim, destacam-se as câmeras, os ingressos nominais (e a biometria no caso da Arena da Baixada e de outras que estudam implementá-la) como principais fatores de vigilância e, como agora trabalhado, os setores se caracterizando como as celas ou jaulas. O último elemento faltante trata da individualização do torcedor que estará sob constante vigilância, nesse ponto, destacam-se os assentos das arenas, que controlam o torcedor não só através da obrigatoriedade de permanecer sentado, mas também por meio da obstrução de certas práticas corporais da torcida, estimulando assim, um torcer mais passivo e individualizado.

Este processo de aumento do controle e punição sobre os frequentadores de estádios adquire, com a Copa do Mundo no Brasil, um recrudescimento inédito [...]. Instaura-se assim um modelo de assistência passiva, contida, na qual a cadeira numerada se transforma em instrumento perfeito de controle e limitação do ato de vivenciar o estádio que se tornou um mero ato de consumir o espetáculo (GAFFNEY; MASCARENHAS, 2014, p. 13).

Nos estádios de futebol, a figura do torcedor enquanto indivíduo se apagava perante a multidão (sobretudo no ponto de vista de quem está de fora), o que importava eram as manifestações coletivas protagonizadas pela torcida. A falta de individualidade e o anonimato em meio à multidão davam liberdade aos torcedores de se expressarem livremente

como desejassem, resultando em uma catarse que caracteriza esses espaços (HOLLANDA, 2009) e que incluía, por vezes, a violência. Com o ingresso nominal e os assentos marcados a experiência torna-se individualizada, o anonimato some em meio à vigilância das câmeras e dos fiscais, e os torcedores a sua volta deixam de ser sua companhia para tornarem-se outros indivíduos isolados. A política do all-seated evidencia exatamente isso, a pessoa que está na sua frente não poderá levantar-se, pois, assim fazendo, ela poderá atrapalhar sua experiência obstruindo sua visão; se antes ela era uma aliada no ato de torcer, agora ela chega ao ponto de se tornar um incômodo, tal qual uma pessoa que fala muito durante uma sessão de cinema.

Após a Copa do Mundo no Brasil, todavia, a maioria das práticas estimuladas pela FIFA e pelo Estado caiu em desuso devido à resistência dos torcedores brasileiros para jogos envolvendo seus clubes. Tendo ainda como exemplo a Neo Química Arena, a determinação dos lugares marcados é desrespeitada pela vasta maioria da torcida, assim como a política de permanecer sentado (pude observar ao longo da etnografia que as duas normas são seguidas apenas nos setores Oeste Inferior e Superior, onde os ingressos são mais caros). O Setor Norte do espaço, onde ficam as torcidas organizadas, inclusive, chegou ao limite de ter suas cadeiras retiradas, tornando praticamente impossível o cumprimento dessas normas. Essa resistência poderia indicar que a caracterização das arenas como panópticos acabou tendo seu limite nas práticas torcedoras brasileiras, em especial as corintianas, que não aceitaram por completo os mecanismos de controle e vigilância, dificultando, por exemplo, o processo de identificação e isolamento dos indivíduos dentro do espaço. Ainda que de fato haja margem para esse debate, alguns aspectos devem ser levados em consideração ao analisar a efetividade das arenas brasileiras enquanto panópticos; o primeiro deles sendo a relativa novidade do próprio processo de arenização no Brasil.

Se levada em consideração a torcida inglesa, por exemplo, com quem a política do all-seated começou, e onde também ela é mais exitosa, veremos que essa docilização dos corpos e atitudes dos torcedores não ocorreu imediatamente, sendo um longo processo, ajudado em grande parte pela arquitetura das arenas. Hoje em dia o êxito é tão grande nos panópticos-arenas ingleses que, em dezembro de 2019, um torcedor do Manchester City em um jogo contra o rival Manchester United, após ter feito manifestações

racistas contra o jogador brasileiro Fred, não só foi identificado após o jogo por meio das câmeras, como foi indiciado pela polícia e banido por toda a vida de frequentar jogos do time no Etihad Stadium, arena do clube⁵. A estética é a mesma, mas a eficiência dos panópticos-arenas brasileiros é inferior a dos ingleses, muito disso em detrimento das práticas torcedoras aqui observadas. Ainda assim, é importante destacar que mesmo para aqueles que tentam resistir a esse modelo mais “ordeiro” de torcer, a arquitetura e o planejamento das arenas – em especial no que toca às cadeiras – acaba limitando suas ações. Como destaca Mandelli em sua etnografia sobre o Allianz Parque “a performance torcedora dos manchistas, segundo eles próprios, é bastante afetada pelo espaço limitado entre as fileiras do Gol Norte. O fato de os assentos serem fixos, de acordo com eles, atrapalha especialmente a corporalidade e a musicalidade da organizada” (2018, p. 80). As cadeiras, assim, teriam além da função de individualizar o torcedor, a função de normatizar e docilizar seus corpos. A questão ganha ainda uma nova perspectiva se analisada do ponto de vista arquitetônico das arenas. Por meio dela, evidencia-se que mesmo não havendo êxito completo na política de obrigar os torcedores a permanecerem sentados, a própria presença das cadeiras, da maneira como são planejadas, já dificulta a ação da torcida, exercendo assim, em certa medida, uma função docilizadora das pessoas que frequentam a arena, sendo o fato de estarem sentadas apenas um elemento a mais nessa docilização.

Até o assento no qual o torcedor-consumidor irá ocupar no espetáculo está organizado dentro de um pensamento institucional, e mesmo que sua identificação como indivíduo seja mantida, ele se torna dessubjetivado de frente para o gramado, com seu corpo docilizado (*apud*. FOUCAULT, 1999) e imóvel em uma cadeira, o que poderíamos interpretar como a intenção de se docilizar a forma de torcer, e que ela seja cada vez mais controlada e contemplativa (JUNIOR; PADOVEZ, 2018, p.5).

5 Mais detalhes em: Polícia de Manchester prende torcedor do City por gestos racistas contra Fred, do United. Disponível em <<https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-ingles/noticia/policia-de-manchester-prende-torcedor-do-city-por-gestos-racistas-contrafred-do-united.ghtml>>. Acesso em 10 de abril de 2020.

Com mais esse fator acrescentado às questões que já foram aqui discutidas, ao comparar a definição trabalhada por Foucault de panóptico com a arquitetura e a estrutura das arenas de futebol, fica evidente que a associação não só encaixa como explica diversas questões e exigências observadas nelas. A presença de múltiplos elementos de vigilância como câmeras, ingressos nominais e biometria, somados a rígidas estruturas de setores e a cadeiras que controlam os movimentos e a região do torcedor no ambiente, além da individualização do público e da dissociação desses indivíduos da massa que compõe a torcida, todos são elementos que podem configurar as arenas como panópticos, sobretudo pela cada vez mais crescente relação com as leis e punições do Estado.

A ARENIZAÇÃO COMO PRODUTORA DE NÃO-LUGARES

Apesar de ser a primeira estrutura de grande porte em posse exclusiva do Corinthians, a Neo Química Arena encontra certas dificuldades para se tornar o símbolo afetivo que era esperado que se tornasse. Frequentemente locais como o Pacaembu e até mesmo o Morumbi são mencionados como espaços mais afetivos e identificados com o clube, levantando dúvidas a respeito dos motivos que levariam a essa preferência. Um dos principais responsáveis pela construção da Arena, o ex-presidente Andrés Sanchez, chegou a expor sua frustração em uma entrevista dada ao UOL, em 23 de novembro de 2020, quando disse que “é uma decepção muito grande” quando torcedores dizem preferir o Pacaembu à Neo Química Arena, completando na sequência: “saudades eu também tenho, mas dizer que prefere estar no Pacaembu à Arena? Pô, fazer xixi em pé, a tua esposa ia no banheiro do Pacaembu aonde? Não tinha um camarote decente e o cara acha que está tudo tranquilo. Não tinha uma lanchonete decente [...]”⁶.

As frequentes menções ao Pacaembu pelos torcedores não são à toa, como já destaca Bocchi, em conversas informais com torcedores à época em que a arena estava para ser inaugurada: “relataram que estarem ali, apoiados a frente de um estádio corin-

6 Entrevista completa em: *Fim da linha: Andrés Sanchez faz balanço de sua passagem pelo futebol e diz: ao final do mandato, não volta ao Corinthians*. Disponível em <<https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/andres-sanchez-de-saida-do-corinthians-nunca-mais-volto-ao-futebol/#cover>>. Acesso em 8 de fevereiro de 2021.

tiano era um sonho, mas, para eles, o Pacaembu seria eterno, em razão dos títulos conquistados lá pelo Corinthians e dos anos que o frequentaram” (2016, p.54.). Para via de comparação, se o Corinthians tem cerca de 200 jogos na Neo Química Arena, no Pacaembu são aproximadamente 1700, dessa forma, o que chama a atenção não é nem a preferência por outros espaços em que o clube tem uma história mais sedimentada, mas sim a frieza e a indiferença presente no trato da nova arena corintiana, sobretudo quando comparada com os estádios antigos. Assim como no caso da análise de seu caráter panóptico, uma maneira possível para entender esse fenômeno encontra-se na arquitetura e na leitura simbólica e antropológica desse espaço.

Antes de entrar nesse mérito propriamente, no entanto, é preciso discutir a simbologia presente no próprio Corinthians. Diferentemente de outros clubes de futebol que surgiram ligados aos estratos mais privilegiados da sociedade, e, por conseguinte, apoiadas por pessoas com maior poder aquisitivo, o Corinthians nasce da iniciativa de um grupo de operários, em 1910, no bairro do Bom Retiro (NEGREIROS, 1992). À medida que o futebol foi se implantando na metrópole, o clube foi expandindo a massa torcedora que o seguia, consolidando-se em meados da década de 1950 como o mais popular do estado (FLORENZANO, 2009). A representação de time do povo se encontra presente nas músicas cantadas pela torcida, como, por exemplo, “vamos jogar com raça e com o coração/ é o time do povo/ é o coringão”, “corintiano maloqueiro e sofredor/ graças a Deus!”, ou, ainda, “é festa/ é festa na favela” (TOLEDO, 1996). Quando foi anunciada a construção de uma arena própria, dessa forma, a expectativa era de um lugar que refletisse esse caráter popular presente no imaginário e na identidade do clube, como é colocado por este torcedor: “a gente está acompanhando a obra do Fielzão, e o que a gente quer é igual no Pacaembu, aquele cimentão, daquele jeito está bom pra gente [...]” (BOCCHI, 2016, p. 19). O resultado, no entanto, foi uma arena que seguiu não só os padrões FIFA, mas também os padrões de ambientes a serem frequentados por pessoas de maior poder aquisitivo, como shoppings de alta classe. Um exemplo dessa semelhança fica perceptível na imagem a seguir:



Fonte: Fotografia autoral

A entrada do setor Oeste, como dito, o mais caro da Neo Química Arena, talvez seja o local que melhor evidencie a dificuldade de manter a narrativa de “time do povo”. Não bastasse essa contradição, a maneira como o espaço é preenchido com escadas rolantes e um piso de mármore descaracteriza a própria arena em si; a parte o grande símbolo metálico do clube, não há quase nenhum elemento que caracterize esse ambiente como sendo focado na prática de um esporte. A falta de identidade (evidenciada pelo setor Oeste, mas que também se faz presente nos outros setores), além da contradição evidente ao se estabelecer como a “casa do povo” (uma das alcunhas oficiais dada pelo clube à arena), são motivos que podem explicar a dificuldade que grande parte dos torcedores têm de estabelecer um vínculo afetivo com esse espaço. Tendo isso como base de raciocínio, as reflexões de Marc Augé se fazem pertinentes, por meio do que ele classifica como “não-lugares”.

Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário,

nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar. A hipótese aqui defendida é a de que a supermodernidade é produtora de não-lugares, isto é, de espaços que [...] não integram os lugares antigos: estes repertoriados, classificados e promovidos a “lugares de memória” ocupam um lugar circunscrito e específico (AUGÉ, 1994, p. 73).

A contradição de identidade na Neo Química Arena já foi colocada a partir do momento em que ela optou por uma estética de luxo, mesmo pertencendo a um clube que tem suas raízes e sua história ligadas a uma identidade popular. Quando essa estética, todavia, para além de contraditória, torna-se padronizada com a de outros ambientes que muitas vezes nem são destinados à prática esportiva, perde-se completamente qualquer caráter relacional que poderia ser desenvolvido nesse local. Esses fatores somados a uma torcida que ainda atrela a história do clube mais aos estádios antigos do que propriamente à Neo Química Arena, podem sim caracterizá-la como um não-lugar. Essa caracterização explicaria grande parte da frieza no tratamento desse novo espaço e se torna ainda mais evidente quando colocada em perspectiva com outros locais classificados como não-lugares, tais quais “os aeroportos, as estações e as estações aeroespaciais, as grandes cadeias de hotéis, os parques de lazer [...]” (AUGÉ, 1994, p. 74). Todos esses espaços são, via de regra, feitos para serem confortáveis e agradáveis, assim como passageiros e esquecíveis. Na Neo Química Arena a relação é quase a mesma.

Por estar padronizada com outros ambientes e arenas do mundo, ainda que o espaço seja confortável, há poucos elementos que a deixem em destaque. Assim como em um shopping, não importa de fato vivenciar aquele espaço e criar relações nele, o que importa é consumir os produtos nele dispostos e se sentir confortável enquanto o faz. A mudança na arquitetura, inclusive, acompanha a própria mudança do caráter de quem a frequenta, dessa maneira, há uma transformação dos “estádios em intensos lugares de consumo e a passagem do torcedor a condição de espectador/consumidor” (CAMPOS, 2014, p. 358). O exterior da arena também não ajuda o espaço a constituir-se propriamente como lugar. Ao sair da estação de metrô Corinthians-Itaquera, o que se observa é um grande vazio cimentado, preenchido ou com barracas credenciadas que vendem alimentos, ou com vagas de estacionamento. Se o interior da arena pode ser comparado

a um shopping destinado a pessoas com maior poder aquisitivo, essa parte do exterior pode ser comparada, estruturalmente, a uma parada de estrada, com estacionamentos e locais para se alimentar. Em ambos, torna-se evidente, o objetivo não é de que as pessoas parem e de fato vivenciem esses espaços, mas sim que passem por eles rumando a outro.

Sendo a Neo Química Arena planejada como foi, explica-se como as épocas vitoriosas da equipe desde sua construção não refletiram em uma maior popularidade do local. As histórias construídas a partir dos títulos e vitórias, como de celebração, anedotas etc. são relacionadas não à arena em si, mas sim aos bares da região, às sedes das torcidas organizadas ou mesmo à casa dos torcedores, em todos esses casos, lugares por excelência. O papel da arena fica restrito ao de protagonizar o jogo, não a festa, trazendo a questão se além da arquitetura, o processo de arenização não seria um grande empecilho na transformação da arena de não-lugar para lugar.

Acrescentemos que existe evidentemente o não-lugar como lugar: ele nunca existe sob uma forma pura; lugares se recompõe nele; relações se reconstituem nele; as "astúcias milenares" da "invenção do cotidiano" e das "artes de fazer", das quais Michel de Certeau propôs análises tão sutis, podem abrir nele um caminho para si e aí desenvolver suas estratégias. O lugar e o não-lugar são, antes, polaridades fugidias: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente (AUGÉ, 1994, p. 74).

A arquitetura da arena, como visto, é padronizada, carece de elementos verdadeiramente únicos e se mostra mais como um local de "estadia" do torcedor enquanto o jogo ocorre, do que efetivamente um espaço a ser vivenciado junto com a partida. Entretanto, como Augé sensivelmente coloca, é impossível um não-lugar permanecer sob uma forma pura com tantas relações humanas ocorrendo nesses espaços. Na grande área de cimento que circunda a Neo Química Arena, há uma área chamada oficialmente de "Praça Luciano do Valle", mas que na prática não só não adota esse nome como não é uma praça, já que a maior parte das árvores previstas para serem plantadas no local nunca saiu do papel. De qualquer maneira, esse espaço acabou se tornando ponto de encontro devido à sua localização privilegiada e aos bancos disponíveis no local. Ademais,

também se tornou ponto de venda de churrasquinhos feitos na hora, ingressos de cambistas e de mercadorias falsas, roubadas ou de confecção própria, alvos frequentes da GCM, apelidados pelos comerciantes de “rapa” (BOCCHI, 2016, p. 184). A vida própria que o local apresenta, para além de suas peculiaridades, pode classificar essa área no entorno da arena como um lugar, sobretudo para os comerciantes que têm no local seu ganha-pão.

Há também de ser destacadas as medidas institucionais que o clube faz, tentando justamente evitar que esse espaço da arena se torne apenas um espaço de passagem. Ainda em 2019, foi construída uma quadra poliesportiva apelidada de “Arena Ronaldo”, em uma parceria com o jogador e com a empresa Nike⁷. Outra iniciativa do clube foi a construção de um pequeno palco, que por sua vez é especialmente emblemático, na medida em que apresenta um enfoque em shows de rap. Do ponto de vista simbólico, o rap, e o hip hop de forma geral, estão atrelados a uma cultura ligada às camadas mais populares da sociedade (FELIX, 2005); a partir do momento em que o clube abre o espaço especificamente para esse estilo musical, percebe-se que ele não só tem o entendimento de que o espaço ao redor da arena deve ser mais vivo e tido como um lugar de vivências, mas também que o clube necessita, de alguma maneira, trazer atrativos que façam jus ao caráter popular que o Corinthians carrega, tão perdido na arena em si.

Para além dos espaços criados pelos próprios torcedores ou institucionalmente pelo clube, há também os espaços que unem esses dois fatores, como é o caso do último local que questiona o ambiente da Neo Química Arena como não-lugar, sendo também o único que se localiza no espaço interno da casa corintiana: o setor Norte. Se as cadeiras, os lanches e a visão do campo são padronizados como toda e qualquer arena que siga os padrões FIFA, o setor Norte, local das organizadas, ambiente onde não há cadeiras, se destaca dos demais. Nele os cânticos são mais comuns, a corporalidade da torcida corintiana é mais livre, bandeirões e instrumentos musicais são utilizados com maior liberdade e, dessa maneira, a experiência do jogo se torna única se comparada à de outras arenas. Carregada nas práticas torcedoras colocadas no espaço, a história popular do clube se faz

7 Ver sobre em: *Corinthians inaugura quadra poliesportiva ao lado da Arena*; veja fotos. Disponível em <<https://globoesporte.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/corinthians-inaugura-quadra-poli-esportiva-ao-lado-da-arena-veja-fotos.ghtml>>. Acesso em 14 de abril de 2020. Ver sobre em: *Corinthians inaugura quadra poliesportiva ao lado da Arena*; veja fotos. Disponível em <<https://globoesporte.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/corinthians-inaugura-quadra-poli-esportiva-ao-lado-da-arena-veja-fotos.ghtml>>. Acesso em 14 de abril de 2020.

presente, trazendo consigo a identidade que falta no resto da arena e um caráter relacional também a ser destacado. Um lugar por excelência.

É importante frisar que de todos os pequenos lugares criados no ambiente da Neo Química Arena este é o único efetivamente dentro dela, por essa razão, caracterizar o espaço da arena em si como um não-lugar e explicar a partir daí o tratamento mais frio que a torcida tem com o espaço não deixa de ser correto. Mais do que isso, o fato de apenas um dos setores das arquibancadas poder ser caracterizado como um lugar, justamente o que renega as práticas comuns ao processo de arenização, reacende o debate sobre até que ponto a arquitetura em si é a verdadeira responsável pelas dificuldades encontradas para a Neo Química Arena se estabelecer como um lugar e, conseqüentemente, cativar a torcida. Não há dúvidas da interferência da arquitetura e planejamento do espaço nesse sentido, mas por todos os exemplos citados, percebe-se que mesmo uma praça cimentada, ocupada urbanisticamente apenas por poucas árvores e bancos, consegue se tornar um lugar, na medida em que há um maior grau de liberdade para relações humanas serem tidas. Ocorre que dentro do espaço da arena, a interdição de práticas torcedoras típicas, a vigilância e punição dos transgressores, somados a uma política que estabelece cada torcedor como um indivíduo docilizado e isolado dos demais (ainda que esteja próximo fisicamente), são questões que suprimem as relações que poderiam surgir ou então as modificações no espaço que poderiam vir a ocorrer. Na perspectiva aqui trabalhada, se a supermodernidade é a produtora de não-lugares (AUGÉ, 1994), pode-se compreender a arenização na mesma medida.

A temática da Neo Química Arena como um não-lugar apresenta, então, múltiplos fatores de análise que refletem a complexidade do ambiente. A parte externa, outra apenas um espaço de trânsito sem nenhuma característica a se destacar, está em um processo de apropriação e ressignificação por parte não só dos torcedores, mas também do clube. O ambiente interno, por outro lado – fora o espaço do setor Norte, que passou por processo semelhante ao exterior da arena – segue sendo contraditório com as origens do clube e com dificuldades de se tornar um lugar efetivamente. Essa conclusão vem ao passo que se entende não só a arquitetura como um fator determinante, mas também a própria regulamentação e controle vindos com o processo de arenização; concluindo, assim, que um dos efeitos práticos desse processo é o de descaracterização dos ambientes

esportivos, e o conseqüente afastamento afetivo dos torcedores que o frequentam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma questão importante de ser pontuada a respeito da ideia das arenas como panópticos é que essa conclusão só pode ser atingida na medida em que se separam como estruturas distintas, e até opostas, as arenas e os estádios de futebol. Deve-se também ter em vista, porém, que o culto à vigilância e ao controle vem não das arenas em si, mas sim do próprio processo de arenização, que por sua vez, também influencia os estádios. Ora, se o processo de arenização influencia os dois ambientes, por que apenas as arenas podem ser caracterizadas como panópticos? O questionamento também vale para a ideia das arenas como não-lugares. Se a arenização é produtora de não-lugares, por que isso também não configura os estádios dessa forma? Para responder essas questões é preciso ter em mente as distinções conceituais entre as arenas e o processo de arenização.

O processo de arenização – que tem entre suas características a vigilância e a punição de torcedores infratores – afeta todo o futebol brasileiro por meio da exigência de documentos para adquirir os ingressos e dos lugares marcados. As arenas, todavia, conseguem exercer essas características de forma mais efetiva por meio das câmeras espalhadas estrategicamente pelo espaço, pela biometria e pelo espaço mais rígido. Em outras palavras, a arenização é um processo amplo que envolve toda uma revisão simbólica e prática do esporte, ao passo que as arenas são as estruturas que melhor evidenciam e aplicam esses aspectos. De acordo com o próprio Athletico Paranaense, a biometria na catraca da Arena da Baixada deixou o processo de entrada dos torcedores mais lento, fazendo-se necessária a construção de novos acessos. Em um ambiente como o Pacaembu, por exemplo, que é tombado como Patrimônio Histórico pelo Conpresp⁸ e pelo Condephaat⁹, essa situação já seria mais difícil, o mesmo vale para o Morumbi, que também é tombado. As câmeras espalhadas pelas arenas são outro aspecto difícil de ser repro-

⁸ Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo, que tombou o Pacaembu em 1988.

⁹ Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico, que tombou o Pacaembu em 1998.

duzido em estádios, não havendo necessariamente os espaços estratégicos para serem colocadas, de forma que todos os torcedores consigam ser devidamente identificados e filmados.

O resultado disso é que nos chamados estádios de futebol o processo de arenização não consegue ser completamente influente. Ainda que os modifiquem bastante, eles só conseguem se tornar efetivamente arenas – e conseqüentemente panópticos – ao serem completamente reconstruídos, (como foi feito com o Maracanã para a Copa do Mundo FIFA de 2014). Isso se dá, pois, assim como nas arenas, a construção e a arquitetura dos estádios refletem o período histórico em que foram construídos. É o que coloca Negreiros sobre o Pacaembu.

Assim, o autoritarismo presente no Brasil, consubstanciado enquanto experiência de poder com o Estado Novo, não poderia se manter alheio ao fenômeno social que movimentava milhões de brasileiros [...] é com esse referencial que precisamos compreender a construção do Estádio do Pacaembu [...]. Muito mais do que um espaço para a prática esportiva, essa construção cumpriu a função de tornar-se um monumento, capaz de sintetizar uma época (NEGREIROS, 2003, p. 128).

Importante destacar ainda que “segundo os padrões de forma, tamanho e engenharia inaugurados com o Estádio do Pacaembu, outros foram erguidos. O gigante Estádio do Maracanã, construído para comportar até duzentas mil pessoas em jogos da Copa do Mundo de 1950 no Rio de Janeiro/RJ, marcou esta nova era de estádios no Brasil.” (BOCCHI, 2016, p. 25). Dessa forma, se as arenas contemporâneas refletem um futebol enquanto produto, guiado ao consumo, ao lucro exorbitante e ao controle, o Estádio do Pacaembu, o antigo Estádio do Maracanã e todos os outros erguidos nessa época refletem outra lógica: a da tentativa do Estado de se apropriar da popularidade do esporte para si. Isso explica, por exemplo, a grande capacidade dos estádios; não importava se os torcedores estavam confortáveis, o que importava era o entretenimento das massas e seu encantamento com o espetáculo (DEBORD, 2003), coisa que também explica os preços mais acessíveis e a liberdade para o descontrole controlado das emoções.

Com a mudança de objetivo vinda com a arenização, a arquitetura do estádio ten-

tou se adaptar. Em 2008, o Pacaembu ganhou a cara que preserva até hoje: cadeiras no lugar de grande parte das arquibancadas, alambrados separando a maior parte dos setores, iluminação mais forte e eficiente do que a de antes, além de um campo em uma altura que facilite a visão dos torcedores¹⁰. Essas medidas baixaram a capacidade para quase metade daquilo que o estádio comportava em sua construção original, (atualmente em cerca de 37 mil torcedores) e acarretaram um aumento no preço dos ingressos; dois elementos característicos do processo de arenização. Todavia, banheiros químicos precários (destacados na entrevista do ex-presidente do Corinthians Andrés Sanchez), setorização não tão evidente, o excesso de espaços sem cadeiras, a má visão do campo em alguns setores do estádio (como do “Tobogã”, atrás de um dos gols), a falta de câmeras de vigilância, entre outros elementos, evidencia que, mesmo sendo influenciado pelo processo de arenização, o Estádio do Pacaembu não consegue se transformar em arena e, conseqüentemente, em panóptico. No momento em que ele foi tombado como Patrimônio Histórico, cristalizaram-se elementos de sua arquitetura que ainda fazem referência ao período do Estado Novo, e que são incompatíveis com algumas tendências modernas que caracterizam a arenização.

A forma como a arenização afeta todos os ambientes esportivos, mas consegue se firmar com mais eficiência nas estruturas mais novas também ajuda a explicar a questão dos não-lugares. Ainda assim, é necessário pontuar algumas questões. Retomando o que foi discutido a respeito da identificação da Neo Química Arena como não-lugar, percebe-se que apesar de sua arquitetura ser um elemento fundamental para isso, o processo de arenização acaba sendo o grande protagonista, na medida em que limita e controla as ações que poderiam dar ao espaço um caráter de “lugar”. Por que essas limitações e controle das ações se dão de forma diferente nos estádios, se comparados às arenas? E como isso explica o fato de um ser lugar e o outro não? O que os torna tão diferentes nesse sentido? Esses questionamentos são especialmente interessantes na medida em que entendemos o Pacaembu, o Maracanã, o Morumbi etc. não como estádios únicos, mas, assim como as arenas, reproduções estéticas de um período político que o esporte e a sociedade viviam e que, por consequência, também sofrem com uma padronização na arquitetura, tão destacada negativamente na Neo Química Arena.

10 Ver sobre em: *Prefeito entrega obras de reforma do Estádio Municipal do Pacaembu*. Disponível em <<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/comunicacao/noticias/?p=125731>>. Acesso em 10 de abril de 2020.

O ponto central aqui passa pela definição de lugar por Marc Augé: um local identitário, relacional e histórico. Ainda que hoje, com o processo de arenização, os grandes estádios não se diferenciem tanto das arenas, podendo gerar uma confusão acerca da possibilidade ou não deles se caracterizarem não-lugares, não se pode nunca perder de vista que as arenas e o processo de arenização são, no Brasil, extremamente recentes ao passo que os estádios são estruturas bem mais antigas. A não ser que o estádio seja inteiramente demolido e remodelado, a identidade, as histórias e as relações criadas naquele espaço não desaparecerão tão facilmente. “A identidade de uns e outros é o que constitui o ‘lugar antropológico’, por meio das convivências da linguagem, dos sinais da paisagem, das regras não formuladas do bem-viver” (AUGÉ, 1994, p. 92). Em outras palavras, os estádios são lugares por – apesar de também seguirem uma padronização – terem conseguido estabelecer uma identidade para o espaço e para aqueles que o frequentaram através de hábitos de convivência, de linguagem, além de regras não escritas que determinam o comportamento a se ter naquele local (que podemos classificar como as práticas torcedoras de cada clube). Assim, nesse sentido, as práticas não são tão afetadas pelo processo de arenização, pois ainda que sejam reprimidas, ao menos na memória dos frequentadores, elas não deixam de existir. O espaço segue sendo identitário, relacional e histórico.

O mesmo não pode ser dito das arenas, pois, por se tratar de um ambiente completamente novo, esses hábitos de convivência, de linguagem, etc. devem ser reconstruídos. “É o não-lugar que cria a identidade partilhada dos passageiros, da clientela ou dos motoristas “domingueiros” [...]. Sozinho, mas semelhante aos outros, o usuário do não-lugar está com este (ou com os poderes que o governam) em relação contratual” (AUGÉ, 1994, p. 92-93). Como o espaço sofre interferências diretas de uma nova arquitetura e de uma nova política institucional, essa “reconstrução” enfrenta grandes dificuldades, podendo ser estabelecida apenas onde a vigilância ou a relação contratual é mais fraca, no caso da Neo Química Arena, nos seus arredores e no Setor Norte. Em última análise, portanto, é possível destacar que o próprio caráter panóptico encontrado na arena influencia sua caracterização em não-lugar. Associar essas questões apenas evidencia a separação dessa estrutura com a do estádio.

Um ponto chave tanto para Foucault quanto para Augé, em suas respectivas discussões, é a posição do indivíduo no espaço. Foucault destaca que, dentro do panóptico,

o prisioneiro deve estar perfeitamente individualizado e vigiado, ele não pode se entender como membro de um grupo maior e nem ver o que o vigia (mas deve saber que está sendo vigiado). Augé, na mesma linha, coloca que, em um não-lugar, o indivíduo deve estar sozinho propriamente, e ainda que se veja em meio à multidão, não pode se sentir parte de um grupo. Mesmo estando em um anonimato para as outras pessoas devido a esse distanciamento da multidão, ele ainda é vigiado e está sob um contrato redigido pela instituição que controla o não-lugar. Essa relação fica clara quando ele comenta sobre os aeroportos:

O contrato sempre tem relação com a identidade individual daquele que o subscreve. Para ter acesso às salas de embarque de um aeroporto, é preciso, antes, apresentar a passagem ao check-in (o nome do passageiro está inscrito nela); a apresentação simultânea, ao controle de polícia, do visto de embarque e de algum documento de identificação fornece a prova de que o contrato foi respeitado [...]. O passageiro só conquista, então, seu anonimato após ter fornecido a prova de sua identidade, de certo modo, assinado o contrato (AUGÉ, 1994, p. 93-94).

Se trocado o espaço do aeroporto para o espaço de uma arena, o cenário exemplificado por Augé seria quase o mesmo. O que há de ser destacado aqui, todavia, é o papel do ingresso em uma arena e a maneira como ele age utilizando-se do mesmo mecanismo descrito por Foucault: "induzir [...] um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder" (1977, p. 177). Dizer que os não-lugares são panópticos seria um exagero, mas os elementos que unem essas duas teses estão todos presentes em uma arena de futebol; o mesmo não pode ser dito de um estádio. Assim sendo, é possível dizer que a arenização tem como característica fundamental a produção de não-lugares que, por sua vez, trazem consigo mecanismos de vigilância e controle outorgados pelo Estado; as arenas são a formulação estética e arquitetônica desses elementos, que somados a outras proibições decorrentes do processo de arenização, geram torcedores mais disciplinados e frios em sua relação com o espaço e com o jogo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGÉ, Marc. Não Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus Editora, 1994.

BOCCHI, Gabriel. Do estádio do Pacaembu para a Arena Corinthians: etnografia de um processo de 'atualização'. 2016. 237 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

BOURDIEU, Pierre. Questões de Sociologia. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

CAMPOS, Flavio de. Arquitetura da exclusão: apontamentos para a inquietação com o conforto. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (Orgs.). Futebol, objeto das ciências humanas. São Paulo: LeYa, 2014.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Brasil: eBooksBrasil.com, 2003.

ELIAS, Norbert. A busca da excitação. Lisboa: DIFEL (Memória e Sociedade), 1992.

FELIX, João. Hip Hop: cultura e política no contexto paulistano. 2005. 206 f. Dissertação (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

FLORENZANO, José Paulo. A democracia corinthiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro. São Paulo: Educ, FAPESP, 2009.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: história da violência nas prisões. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

GAFFNEY, Christopher; MASCARENHAS, Gilmar. A festa acabou? Está recomeçando? Os novos estádios de futebol e a disciplina socioespacial. In: desvendando o jogo: nova luz

sobre o futebol. Rio de Janeiro, EDUFF, 2014.

HOLLANDA, Bernardo. Futebol, Arte e Política: a catarse e seus efeitos na representação do torcedor. O&S, Salvador, v.16, n. 48, p. 123-140, jan./mar. 2009.

_____. O fim do Estádio-Nação? Notas sobre a construção e a remodelagem do Maracanã para a Copa de 2014. In: Futebol objeto das ciências humanas. CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela. (orgs.). São Paulo: Leya, 2014, p. 321-346.

_____. O futebol como alegoria antropofágica: modernismo, música popular e a descoberta da "brasilidade esportiva". Artelogie, ISSN-e 2115-6395, n. 1, p. 1-12, set. 2011.

JUNIOR, Ary; PADOVEZ, Elcio. A bola que vigia e pune: o uso do dispositivo como medida de segurança em arenas de Copas do Mundo. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 41. 2018, Joinville. Artigo apresentado no GP Comunicação e Esporte no XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação. Joinville: Intercom, 2018. p. 1-15.

MANDELLI, Mariana Carolina. Allianz Parque e Rua Palestra Itália: práticas torcedoras em uma arena multiuso. 2018. 215 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

NEGREIROS, Plínio José. Resistência e Rendição: a Gênese do Sport Corinthians Paulista e o Futebol Oficial em São Paulo (1910-1916). 1992. 123 f. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1992.

_____. Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 39, p. 121-151, 2003.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Torcidas organizadas de futebol. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.